



Munidos dos únicos pertences que lhes restam, eles procuraram, nas cidades, realizar um sonho impossível

MENDIGOS

De repente,

mesmos afirmam. Sonham também com o INPS. As mulheres, por exemplo, recusam propostas para trabalhar como lavadeiras, e

MENDIGOS

De repente, a cidade invadida por migrantes

Um serviço de assistência ao migrante desconhecido pela maioria das pessoas que desembarcam na cidade e que vem de vários pontos do País, na eterna busca de "dias melhores". Homens e mulheres, verdadeiras famílias que, de repente, tomaram conta das calçadas da cidade, dormindo sob pontes marquises e viadutos. Ingênuos, sem qualquer habilitação profissional para enfrentar o "sul maravilha", o impacto é brutal.

De repente, tornam-se mendigos e, como tal, são encarados pela população. Despertos do sonho, alguns conseguem retornar. Outros, menos afortunados, aguarda que o Programa de Migrações Internas os descubram.

Há algum tempo o número de mendigos no centro da cidade vem aumentando. Mas, sobretudo nos últimos meses, essa movimentação intensificou-se de tal forma que, num pequeno trecho da Jerônimo Monteiro, pode-se contar de seis a sete pedintes, cada um com seu estilo próprio de abordagem. São aleijados, portadores de doenças de pele ou cegos. E, ultimamente, tornou-se comum ver famílias inteiras perambulando pelas ruas.

São essas famílias que mais crescem em quantidade nas calçadas de Vitória. Elas se destacam dos tradicionais mendigos pela maneira simples de esmolar. Se, por exemplo, algum curioso se aproxima com perguntas, suas respostas são naturais, como se fizesse parte da rotina da cidade mendigo e transeunte conversarem. Sua humildade destoa completamente do mendigo comum, desconfiado e agressivo.

Esses novos mendigos são, em sua maioria, migrantes que abandonam sua roça, seu pedacinho de terra e partem em busca das cidades ou de novas áreas, na esperança de "uma vida melhor". Desconhecendo

qualquer serviço de assistência, não têm outra opção a não ser esmolar pela cidade.

Maria Helena, o marido e mais cinco filhos estão vindo da Bahia, fugindo da enchente. Pararam em Vitória por acaso e, quando chegaram, não tinham onde ficar. Pessoas nas ruas indicaram a ponte da Passagem. Estão lá há quatro dias e o marido ainda não conseguiu arrumar um emprego. Para evitar a fome, Maria Helena começou a pedir esmolas com os filhos. "Nunca precisei fazer isso, mas agora foi o jeito que encontrei. Não posso deixar meus filhos morrerem de fome".

Sua maior preocupação, atualmente, é a gravidez: ela está quase no nono mês e conseguiu com uma mulher, que disse ser porteira da Santa Casa de Misericórdia, um lugar para ter o seu bebê. Mas enquanto não pára de esmolar, é obrigada a trabalhar em dobro, aumentando sua hora de permanência na Jerônimo Monteiro, local escolhido pelo maior movimento que ele apresenta. Maria Helena consegue uma média de Cr\$ 100,00 por dia e faz uma queixa: "Lá embaixo da ponte tem muito pernilongo".

Maria Pereira é outra retirante de 13 anos de idade, deficiente física que veio de Itabuna há seis meses com a irmã, o cunhado e dois sobrinhos. Desde que chegaram aqui estão morando em São Torquato. No princípio, o homem procurou emprego mas, como nada conseguiu, começou a insistir com a mulher para que ela se prostituisse. Com a sua recusa, "começou a bater" em todos dentro de casa, até que desapareceu. Para não morrerem de fome, começaram a pedir. Com o primeiro dinheiro que conseguiram juntar, a irmã e os filhos voltaram para a Bahia e Maria ficou morando sozinha num barraco, esperando que alguém venha buscá-la. "Lá em Itabuna é tudo mais fácil. A vida aqui não foi muito boa pra gente. Eu peço esmolas todo dia e de noite compro

comida e volto pra casa, pra dormir. Tá muito difícil".

Celina dos Santos fugiu da enchente com o marido e três filhos. Chegaram a Vitória de trem e na estação encontraram um homem desconhecido que os levou para Porto de Santana e pagou por um mês o aluguel de um barraco. Ela pede esmola todo dia perto da escadaria Anchieta e diz que seus filhos reclamam muito da comida. "Eles querem comer carne, mas o dinheiro que eu consigo juntar na rua só dá pra comprar feijão com arroz. Em Juazeiro a gente tinha uma casa com quintal e uma roça, mas a enchente destruiu tudo, até mesmo os documentos meus e do João, meu marido".

Existem em Vitória órgãos que prestam assistência ao migrante recém-chegado. Só que a divulgação do serviço é deficiente, e poucas pessoas têm conhecimento de sua existência. O retirante que chega, na maioria das vezes, ignora estes programas assistenciais e acaba tendo de "se virar" sozinho. A esmola é a primeira e mais eficiente medida que lhe ocorre. Conseguindo o dinheiro para comer, o principal problema está resolvido. E, para dormir, uma ponte ou uma marquise mesmo serve.

Eles geralmente provêm do Norte, Minas e Bahia, mas há alguns

que vêm de outros municípios do próprio Estado. Sempre alegam fugir de situações miseráveis, em busca de uma vida melhor em outro lugar. Os parentes e amigos que retornam do Sul são sua fonte de informação. E com a ilusão da cidade grande, mudam-se (às vezes até famílias inteiras), de uma cidade para outra, de um trabalho para outro, dificilmente encontrando um lugar definitivo.

O Programa de Migrações Internas é um dos órgãos que prestam assistência aos retirantes em Vitória. Maria Helena Cunha, informante profissional do programa, afirma que "eles vêm para o sul de qualquer jeito, a pé, de pau-de-arara ou de ônibus, de acordo com as condições financeiras de cada um. Alguns param nas cidades para ganhar mais dinheiro e poder prosseguir viagem. Outros se dirigem diretamente para os grandes centros. De qualquer forma a grande maioria, sem qualificação profissional para enfrentar o mercado, começa a realizar seu grande sonho do Sul, fazendo bicos na construção civil, no serviço doméstico ou nos trabalhos mais humildes e pesados, morando em favelas, subúrbios ou bairros afastados. O migrante é movido pela esperança do Sul. Ele chega acreditando que aqui não vai

passar fome, nem miséria e, quando isto não acontece, começa a recorrer a instituições. Muitos deles nos procuram. Uma média de 200 por mês".

Quando chega aqui, uma das primeiras coisas que acontece ao migrante é ele ser roubado, diz Maria Helena. "Existem na rodoviária e na estação ferroviária ladrões que vivem exclusivamente de roubar pessoas que chegam do interior. Já tendo vivido a tragédia da seca ou das enchentes, ele se depara com a frieza dos grandes centros. E aí recomeçam seus problemas, que só terminam quando ele resolve voltar para sua terra natal".

Para Maria Helena, o migrante é "extremamente dócil e humilde. Aceita todas as nossas orientações e é profundamente carente. Afinal, são famílias inteiras que abandonam um pedacinho de terra em que viveram seus avós e seus pais, roças com vizinhos distantes, mas constantes, e vêm morar numa favela, num barraco de dois ou três cômodos. Sem a agressividade e a maldade necessária para viver no local, a inadaptação é fatal.

No Nordeste os retirantes trabalham sem qualquer vínculo empregatício. Por isso, quando chegam no Sul eles têm um grande sonho: "trabalhar fichado", como eles

mesmos afirmam. Sonham também com o INPS. As mulheres, por exemplo, recusam propostas para trabalhar como lavadeiras ou domésticas, porque esses empregos não permitem a elas serem "fichadas" e descontar para o INPS. Essa insistência por trabalhos fixos com carteira assinada é uma tentativa de garantir o salário que não existia no Nordeste, onde o migrante trabalha apenas nas épocas da colheita e na entressafra é mandado embora sem qualquer garantia.

Mas é muito difícil para o retirante conseguir regularizar sua situação com a empresa. A começar porque ele nunca traz os documentos e, para tirá-los é uma dificuldade, já que muitos nem certidão de nascimento possuem.

E para resolver alguns desses problemas existe o Programa de Migrações Internas, que presta assistência aos migrantes. Ele consta de um local para o retirante ficar por alguns dias até que apareça um emprego, na ajuda para que ele arranje trabalho e com relação a documentos. E se depois de alguns dias ele continua desempregado, é encaminhado de volta a sua cidade de origem. "Existem dois momentos difíceis no meu trabalho com o migrante: um é quando ele perde a esperança: talvez devido ao sofrimento, à solidão que enfrenta, ele se torna muito carente e sensível e a tristeza de ver que seus sonhos não deram certo é tão grande que eu também me emocio; o segundo momento difícil é quando tenho de dizer que ele precisa voltar para seu lugar de origem. Se pudesse, nunca presenciaria esses momentos", disse Maria Helena, que se confessa o tempo todo "fascinada" pelo migrante.

O problema do migrante apenas temporário. Depois de integrado à sua nova morada, prossegue tentando alcançar seus objetivos. Ele vem em busca de uma vida melhor, de melhores oportunidades de emprego. Chega desesperado, desestruturado, mas também vem carregado de ideais, sonhos ingênuos incompatíveis com a realidade, com as necessidades que o obrigam a migrar. E a cidade grande logo lhes ensina a sua realidade. Vão morar em favelas, conhecem a delinquência, a violência, o desemprego. Enfrentam tudo isso pela sobrevivência. E esse processo tem se tornando progressivo.



Com a perna inchada em virtude de um atropelamento, a migrante (em pé)

reuniu-se ao casal que também veio do interior